

APRESENTAÇÃO

Carlos Leonardo Bonturim Antunes
José Carlos Baracat Júnior
Rafael Brunhara

Sobre esta edição

É uma alegria muito grande ver reunidas neste volume as traduções de nossos alunos do curso de Grego da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contribuem com o volume alunos que concluíram (ou estão concluindo) a formação em Língua e Literatura Grega, bem como egressos de outros cursos, que chegaram ao Grego por amor pelos clássicos.

Nossa ideia ao planejar este volume dos *Cadernos de Tradução* foi a de fazer uma pequena antologia da *Antologia Grega*¹, selecionando preferencialmente poemas menos conhecidos do *corpus*. O segundo critério utilizado para a seleção foi puramente subjetivo: participantes puderam escolher aqueles poemas que lhes pareciam mais interessantes.

Do ponto de vista metodológico, também preferimos deixar que cada tradutor trabalhasse da maneira que se sentisse mais à vontade, sem impor um método único para a tradução nem para a anotação dos poemas. Por conta disso, o leitor perceberá que varia bastante a quantidade de notas e a abordagem adotada para a tradução dos poemas.

Antes de vermos essa falta de padronização como um problema, acreditamos que ela seja a virtude principal deste trabalho: ao mesmo tempo em que apresentamos uma seleção de poemas menos conhecidos da antiguidade, nós o fazemos com uma variedade de estilos e de soluções. Alguns participantes tentaram se ater ao conteúdo semântico dos textos, enquanto outros buscaram reproduzir elementos formais ou até mesmo ousaram soluções ainda mais inusitadas.

Essa variedade se torna um duplo, no plano metodológico e estético, da variedade de autores e de temáticas aqui encontradas. Com isso, cria-se, portanto, uma dupla *poikilia* nestas nossas grinaldas de poemas.

¹ Para este volume, adotamos e traduzimos o texto grego editado por Cougny em seu *Epigrammatum anthologia Palatina cum Planudeis et appendice nova* (Paris: Didot, 1890).

Pelo contraste das várias abordagens adotadas, temos como que uma espécie de lente multifocal, capaz de focalizar diferentes aspectos da poesia antiga pelas diferentes maneiras com que ela é abordada em tradução.

Não acreditamos em uma fórmula perfeita para se traduzir e trabalhar com a poesia antiga. Pelo contrário, defendemos que é por meio da multiplicidade de vozes e de perspectivas que podemos obter um panorama mais rico das obras que estudamos. Este trabalho é um pequeno testemunho, portanto, não só da produção de nossos alunos, mas também de como essas obras dialogam entre si e se complementam pela pluralidade de concepções estéticas e epistemológicas aqui presentes.

Sobre a Antologia Grega

A obra que se convencionou chamar *Antologia Grega* é a maior coletânea de poesia grega que sobreviveu aos nossos dias. Dois desenvolvimentos diversos que ocorreram no século III a.C. refletem-se na Antologia e ajudam a explicar a sua formação: a prática, que se torna comum entre os poetas, de reunir seus poemas em coleções que permitiam a ampla difusão de sua produção; e o desenvolvimento do epigrama como forma literária legítima, deixando de ser inscrição de versos em suporte material – estátuas, túmulos, vasos – para se tornar uma poesia multitemática, de elocução extremamente diversificada, cujo maior critério e ponto de unidade é a concisão.

O epigrama logo se torna o gênero poético favorito da maioria dos poetas, em parte devido a sua simplicidade formal, o dístico elegíaco². Os mais comuns eram compostos por um único dístico, mas a flexibilidade da forma levava também poetas a chamarem “epigramas” poemas compostos por mais dísticos – quadras ou ainda mais versos –, a ponto de embaçar as fronteiras e a entrar nos limites de outros gêneros, como

² O dístico elegíaco é uma estrutura formal composta, como o nome indica, por dois versos: o primeiro é em hexâmetro dactílico (um verso feito com seis dactilos, sendo o último catalético, i.e., menor do que o previsto), como os versos da épica homérica, com possibilidade de contração das breves em todos os pés (exceto no quinto, que se prefere não contrair, ainda que em cerca de 5% dos casos, em Homero, ele se contraia), respeitando-se ainda a cesura mandatória ou após a terceira longa natural ou após a breve que a segue; o segundo se constrói pela justaposição de dois hemistíquios hexamétricos, ou seja, de duas metades de hexâmetro dactílico, havendo possibilidade de contração no primeiro hemistíquio, mas não no segundo. Resulta, portanto, na seguinte estrutura, que, num poema elegíaco, pode se repetir ao gosto do poeta.

a elegia e a epístola, problema já reconhecido na Antiguidade, como testemunha o poeta Cirilo, presente nesta Antologia na tradução de Marcos Müller:

Epigrama sem par tem um dístico. Além
rapsodias, não epigramatizas.

A história do epigrama terá seu marco com a *Antologia Grega*, ou *Palatina* – nome pela qual é popularmente conhecida esta coleção, por causa do principal manuscrito que a transmitiu. É a maior coletânea de poesia grega que nos restou: mais de 4000 poemas (em sua maioria, epigramas), divididos em 16 livros, reunindo poemas de todos os períodos da história grega, do arcaico ao bizantino.

Esses poemas foram compilados a partir do manuscrito de outras duas antologias, a *Antologia Palatina*, datada de 980 d.C, e a *Antologia de Planudes*, contendo o autógrafo do monge bizantino e erudito Máximo Planudes (c.1260-1305 d.C.). São atribuídos a uma vasta quantidade de poetas, desde aqueles considerados os autores cânones da poesia lírica até indivíduos de quem nada sabemos.

Pelo que podemos historiar, esses dois manuscritos seriam cópias de uma antologia que se perdeu, do início do século X, elaborada por Constantino Céfalas, literato de quem pouco sabemos hoje, senão que teria ocupado um alto posto eclesiástico em Constantinopla. A Antologia de Céfalas era uma *Antologia de Antologias*, pois reunia antologias anteriores: a de Meleagro de Gádara (I a.C.), com os poemas de quarenta e sete poetas dos períodos arcaico, clássico e helenístico, dentre os quais ele próprio; a de Filipe da Tessalônica (I d.C.), com poemas da época Imperial, em geral feitos na própria Itália, e não na Grécia, e a de Agatias (VI d.C.), que reunira poemas do início do Império Bizantino. A estas Antologias, Céfalas incluiu uma variedade maior de fontes: epigramas de autores célebres, copiados de inscrições em pedra; a *Musa Pueril*, de Estratão; uma coleção de poemas amorosos atribuídos a Rufino; e os epigramas de Paladas de Alexandria.

O manuscrito da *Antologia de Planudes*, o *Marcianus Graecus 481*, foi o primeiro a ser encontrado, em 1494. Em 1606, um códice de fins do século X é descoberto na Biblioteca Palatina, em Heidelberg, a *Antologia Palatina*. Em 1622, o códice é ofertado ao Papa Gregório XV, e lá permanece até o ano de 1797, quando Napoleão o leva à França. Hoje, o códice da Palatina (*Codex Palatinus Graecus 23*) está

na Biblioteca da Universidade de Heidelberg, mas uma pequena parte sua permaneceu na França (*Parisinus Graecus Suppl.* 384).

O conteúdo da Antologia Palatina e da Antologia de Planudes se sobrepõe, à exceção de 380 epigramas presentes em *Planudes*, mas ausentes na *Palatina*. O formato atual da *Antologia Grega* foi-nos dado por seu primeiro editor, Johann Friedrich Dübner, entre 1866 e 1877, que a dispõe nos 16 livros que conhecemos, assim organizados:

Livro I: Epigramas cristãos datados do séc. IV-X d.C.

Livro II: Um longo poema em hexâmetros composto por Cristodoro de Tebas (491-518 d.C.), descrevendo 80 estátuas de personagens mitológicas e figuras históricas famosas que decoravam o Ginásio de Zêuxipo, famoso balneário público da cidade de Constantinopla.

Livro III: “Os Epigramas Cizicenos”, talvez o mais misterioso livro da *Antologia Grega*, reunindo 17 epigramas presentes no templo de Apolônios de Cízico, que teria sido uma importante rainha de Pérgamo e, quando de sua morte, aproximadamente entre 179-159 a.C., recebera um templo em sua homenagem pelos filhos, repleto de epigramas retratando cenas míticas de amor filial. Tais informações são conjecturais, baseadas na introdução do Livro III:

ἐν Κυζίκῳ εἰς τὸν ναὸν Ἀπολλωνίδος, τῆς μητρὸς Ἀττάλου καὶ
Εὐμένους, ἃ εἰς τὰ στυλοπινάκια ἐγγράπτο περιέχοντα
ἀναγλύφους ἱστορίας, ὡς ὑποτέτακται.

Em Cízico, no templo de Apolônios, mãe de Átalo e Êumeno, os epigramas que foram escritos nos pilares contém registros em baixo-relevo, assim dispostos abaixo.

Livro IV: Breve livro que contém os prefácios das Antologias de Meleagro, Filipe e Agatias.

Livro V: Coleção de epigramas eróticos, já dispostos como tal na Antologia original de Céfalas, que prefacia o livro com a advertência *Φεύγετε, νεοί, παῖδα Κυθήρης, τοξόβολος Ἔρωσ* (“Fujam, jovens, do filho de Afrodite, Eros flechador”).³

³ Tradução de Rafael Brunhara.

Livro VI: Epigramas votivos, isto é, poemas que relatam os motivos das oferendas a deidades. A compilação não distingue aqueles que teriam sido votos reais de outros, meros exercícios retóricos/poéticos.

Livro VII: O livro dos Epitáfios. Assim como no caso do Livro VI, muitos destes são exercícios poéticos sobre exemplares reais do passado.

Livro VIII: Epigramas de Gregório de Nazianzo (329-389 d.C.), patriarca de Constantinopla.

Livro IX: Epigramas epidífticos. Os versos coletados neste extenso livro de 827 epigramas remontam à tradição retórica e suas fontes são diversas. Muitos dos epigramas presentes aqui são originários da Antologia de Filipe, do séc. I d.C., período em que a associação entre retórica e poesia se torna comum. Também reúne inscrições em obras de arte e edifícios públicos.

Livro X: Apresentados nos códices como epigramas exortativos, os epigramas do Livro X podem ser mais bem definidos como gnômicos ou sentenciosos. Grande parte dos epigramas destes livros pertencem a Paladas de Alexandria, poeta do séc. IV d.C., que se adequa a esta tradição gnômica e se tornou célebre por retratar em seus versos os estertores do paganismo em um mundo de hegemonia cristã.

Livro XI: Epigramas satíricos ou “simpóticos”, isto é, destinados ao momento do banquete em que os convivas se dedicavam a beber em conjunto. O Livro IX conserva ainda poemas de temática erótica.

Livro XII: O livro XII provém de uma antologia anterior, *Musa Pueril*, organizada pelo poeta Estratão de Sárdis, também autor da maioria dos epigramas, e que teria atuado possivelmente durante o império de Adriano (76 – 138 d.C.). Reúne, sobretudo, poemas de matéria homoerótica, que exploram a relação, típica na cultura grega e romana, entre ἐράστης (*erástēs*), o erasta, homem mais velho, e ἐρώμενος (*erómenos*), o jovem a quem ele dedicava seus amores e cortejos.

Livro XIII: Exercícios poéticos escritos em metros variados, não elegíacos.

Livro XIV: Os poemas deste livro são problemas aritméticos, charadas e ditos oraculares.

Livro XV: Os poemas do livro XV são de origem e temática variada, ao que tudo indica ausentes na antologia original de Céfalas, mas inseridos no *Codex Palatinus*. Os poemas mais notórios deste livro são os chamados τεχνοπαιγνία, *tekhнопaignía*, poemas que intentam, com sua variada forma métrica, emular o formato dos objetos que descrevem.

Antecessores da poesia concreta moderna, estes poemas remontam ao período helenístico e são dotados de uma linguagem muitas vezes cifrada e ambígua.

Livro XVI: Compila os epigramas presentes na *Antologia de Planudes*, mas ausentes na *Antologia Palatina*.

Tamanha é a influência da Antologia Grega que o próprio termo “Antologia” nasce com ela: em grego, *Anthologia*, “coleção de flores”, “guirlanda”. É como flores que o poeta Meleagro se refere aos demais poemas presentes em sua coleção⁴. Elaborar uma antologia, portanto, é entrelaçar flores variadas em uma guirlanda. Esta imagem é também pertinente a nossa “Antologia da Antologia Grega”, que reúne uma diversidade de poemas, práticas e estilos tradutórios.

Poemas Traduzidos

O leitor encontrará os poemas desta Antologia da *Antologia Grega* divididos em capítulos que levam o nome de cada tradutor. Cada capítulo funciona, assim, como um minicatalecto, uma guirlanda pessoal de poemas na qual se evidenciam as preferências e o estilo de cada tradutor – desde o poema escolhido até os critérios adotados em suas versões. Para facilitar a consulta, abaixo listamos os 219 poemas traduzidos nesta Antologia da *Antologia Grega* organizados por livro, remetendo o leitor para o capítulo específico de cada tradutor.

Livro I

Poema 37 (Agátias Escolástico, “acerca da gênese de Cristo”) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 38 (Agátias Escolástico) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 39 (Agátias Escolástico, “acerca dos pastores e anjos”) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 40 (Agátias Escolástico, “da gênese de Cristo”) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 41 (Agátias Escolástico, “sobre os magos”) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 92 (Gregório de Nazianzo, “*Em Cesareia na igreja de São Basílio*”) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

⁴ Ver, nesta edição, a tradução de Luciana Malacarne para o poema que teria inaugurado a Antologia de Meleagro (IV.1).

Livro II

Sobre Hesíodo, Poliúdo e Simônides (vv.38- 49) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Safo (vv.69-71) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Sobre Afrodite (vv.78-81) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Hermafrodito (vv.102-107) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Crises (vv.86-91) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Sobre Platão (vv.97-98) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Sobre Apolo (vv.266-270) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Aquiles (vv.291-296) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Hermes (vv.297-302) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Ártemis (vv.306-310) – trad. Bruno Palavro.

Sobre Homero (vv.311-350) – trad. Luciana Malacarne.

Sobre Tucídides (vv.372-376) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Sobre Heródoto (vv.377-381) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Livro III

III.8. Odisseu interpela a própria mãe no Hades – trad. Bruno Palavro.

Livro IV

Poema 1 (Meleagro de Gádara) – trad. Luciana Malacarne.

Livro V

Poema 1 (Constantino Céfalas) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 4 (Filodemo) – trad. Marcos Müller.

Poema 6 (Calímaco) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Poema 7 (Asclepiades) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Poema 8 (Meleagro) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 10 (Alceu) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.

Poema 14 (Rufino) – trad. Rodrigo Garcia Garay.

Poema 16 (Marco Argentário) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Poema 23 (Calímaco) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.

Poema 24 (Filodemo ou Meleagro) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.

Poema 29 (Cilactor) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.

Poema 46 (Filodemo) – trad. Marcos Müller.

Poema 57 (Meleagro) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.
Poema 60 (Rufino) — trad. Marcos Müller.
Poema 79 (Platão) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 80 (Platão) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 83 (anônimo) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 84 (anônimo) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 85 (Asclepiades) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 89 (Marco Argentário) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.
Poema 95 (anônimo) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 102 (Marco Argentário) – trad. Thiago Koslowsky da Rosa.
Poema 112 (Filodemo) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 123 (Filodemo) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 125 (Basso) – trad. Marcos Müller.
Poema 128 (Marco Argentário) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 129 (Filodemo) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 131 (Filodemo) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 134 (Posídipo) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 135 (anônimo) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 136 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 137 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 139 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 140 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 141 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 146 (Calímaco) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 147 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 148 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 149 (Meleagro) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 158 (Asclepiades) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 169 (Asclepiades) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 170 (Nóssis) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 173 (Meleagro) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 177 (Meleagro) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 186 (Posídipo) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 189 (Asclepiades) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.

Poema 207 (Asclepiades) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 219 (Paulo Silenciário) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 230 (Paulo Silenciário) – trad. Marcos Müller.
Poema 232 (Paulo Silenciário) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 242 (Eratóstenes Escolástico) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 243 (Côsul Macedônio) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 244 (Paulo Silenciário) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 253 (Irineu Referendário) – trad. Eduardo Fischli Laschuk.
Poema 255 (Paulo Silenciário) – trad. Marcos Müller.
Poema 290 (Paulo Silenciário) – trad. Marcos Müller.
Poema 291 (Paulo Silenciário) – trad. Marcos Müller.

Livro VI

Poema 1 (Platão) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 2 (Simônides) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 18 (Juliano, governante do Egito) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 19 (Juliano, governante do Egito) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 59 (Agátias Escolástico) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 60 (Paladas de Alexandria) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 74 (Agátias Escolástico) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 92 (Filipe de Tessalônica) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 123 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
Poema 146 (Calímaco) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 153 (Anite) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 174 (Antípatro) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 177 (anônimo) – trad. Marcos Müller.
Poema 231 (Filipe) – trad. Rodrigo Garcia Garay.
Poema 276 (Antípatro) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 285 (Nícarco, ao que parece) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.
Poema 303 (Aríston) – trad. Marcos Müller.
Poema 312 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
Poema 353 (Nóssis) – trad. Thirzá do Amaral Berquó.

Livro VII

- Poema 6 (Antípatro de Sídon) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 7 (Antípatro de Sídon) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 8 (Antípatro de Sídon) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 9 (Damágeto) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 10 (Damágeto) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 11 (Asclepíades) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 14 (Antípatro de Sídon) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 16 (Pinito) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 17 (Túlio Láurea) - trad. Leonardo Antunes.
Poema 18 (Antípatro de Tessalônica) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 19 (Leônidas de Tarento) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 43 (Íon) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 55 (Alceu de Mitilene ou Messene) – trad. Bruno Palavro.
Poema 71 (Getúlico) – trad. Marcos Müller.
Poema 75 (Antípatro de Tessalônica) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 89 (Calímaco) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 108 (Diógenes Laércio) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 159 (Nícarco) – trad. Leonardo Antunes.
Poema 202 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
Poema 208 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
Poema 215 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
Poema 309 (anônimo) – trad. Marcos Müller.
Poema 310 (anônimo) – trad. Marcos Müller.
Poema 317 (Calímaco) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 318 (Calímaco) – trad. José Carlos Baracat Jr.
Poema 352 (anônimo ou Meleagro) – trad. Marcos Müller.
Poema 364 (Marco Argentário) – trad. Marcos Müller.
Poema 376 (Crinágoras) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 383 (Filipe de Tessalônica) – trad. Marcos Müller.
Poema 398 (Antípatro de Tessalônica) – trad. Marcos Müller.
Poema 405 (Filipe) – trad. Marcos Müller.
Poema 486 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.
Poema 492 (Anite de Mitilene) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 525 (Calímaco) – trad. José Carlos Baracat Jr.

Poema 646 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 709 (Alexandre de Etólia) – trad. Leonardo Antunes.

Livro VIII

Poema 158 - *Sobre Naucrácio, irmão de Basílio, o Grande* (Gregório de Nazianzo) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 233 – *Contra os violadores de túmulos* (Gregório de Nazianzo) – trad. João Victor Kuhn.

Livro IX

Poema 7 (Júlio Polieno) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 24 (Leônidas de Tarento) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 101 (Alfeu de Mitilene) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 112 (Antípatro de Tessalônica) – trad. João Victor Kuhn.

Poema 120 (Luciano de Samósata) – trad. Marcos Müller.

Poema 123 (Antípatro de Tessalônica) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 144 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 239 (Crinágoras) – trad. Leonardo Antunes.

Poema 251 (Eveno) – trad. Marcos Müller.

Poema 313 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 314 (Anite) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 332 (Nóssis) – trad. Clara Mossry Sperb.

Poema 331 (Meleagro) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.

Poema 334 (Perses) – trad. Marcos Müller.

Poema 350 (Leônidas de Alexandria) – trad. Marcos Müller.

Poema 359 (Posídipo ou Platão cômico) – trad. Marcos Müller.

Poema 360 (Metrodoro) – trad. Marcos Müller.

Poema 368 (Imperador Juliano) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 369 (Cirilo) – trad. Marcos Müller.

Poema 385 (Estéfano Gramático) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 401 (anônimo) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 441 (Paladas de Alexandria) – trad. Leonardo Antunes.

Poema 489 (Paladas de Alexandria) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 507 (Calímaco) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 577 (Ptolomeu) – trad. Marcos Müller.
Poema 603 (Antípatro) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 604 (Nóssis) – trad. Clara Mossry Sperb.

Livro X

Poema 1 (Leônidas) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.
Poema 3 (anônimo) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.
Poema 20 (Adaio) – trad. Marcos Müller.
Poema 45 (Paladas de Alexandria) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 58 (Paladas de Alexandria) – trad. Marcos Müller.
Poema 82 (Paladas de Alexandria) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 100 (Antífano) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 118 (anônimo) – trad. Marcos Müller.
Poema 124 (Glícon) – trad. Marcos Müller.

Livro XI

Poema 6 (Calícter) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 10 (Lucílio) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.
Poema 11 (Luciano) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 19 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 23 (Antípatro) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 25 (Apolônides) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 28 (Marco Argentário) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 31 (Antípatro) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 34 (Filodemo) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 36 (Filipe) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 41 (Filodemo) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 44 (Filodemo) – trad. Leonardo Mário Ferraro.
Poema 61 (Cônsul Macedônio) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 70 (Leônidas de Alexandria) – trad. Marcos Müller.
Poema 71 (Nícarco) – trad. Marcos Müller.
Poema 79 (Lucílio) – trad. Marcos Müller.
Poema 130 (Poliano) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 211 (Lucílio) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 223 (Meleagro) – trad. Marcos Müller.
Poema 224 (Antípatro) – trad. Marcos Müller.
Poema 226 (Amiano) – trad. Marcos Müller.
Poema 276 (Lucílio) – trad. Marcos Müller.
Poema 278 (Lucílio, “a propósito de um gramático chifrudo”) – trad. Marcos Müller.
Poema 430 (Luciano) – trad. Rafael Brunhara
Poema 431 (Luciano) – trad. Marcos Müller.
Poema 432 (Luciano) – trad. Marcos Müller.

Livro XII

Poema 1 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 2 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 4 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 5 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 6 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 16 (Estratão) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 18 (Alfeu de Mitilene) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 20 (Júlio Leônidas) – trad. Rafael Brunhara.
Poema 188 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 207 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 216 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 237 (Estratão) – trad. Marcos Müller.
Poema 258 (Estratão) – trad. Thiago Koslowski da Rosa.

Livro XIII

Poema 7 (Calímaco) – trad. João Victor Kuhn.
Poema 13 (Anacreonte) – trad. Rafael Brunhara.

Livro XIV

Poema 64 (anônimo – “O Enigma da Esfinge”) – trad. Rafael Brunhara.

Livro XV

Poema 24 (As Asas de Eros, de Símias de Rodes) – trad. Bruno Palavro.

Poema 25 (O Altar, de Besantino) – trad. Bruno Palavro.

Poema 35 (Teófanos) – trad. Luciana Malacarne.

Livro XVI

Poema 1 (Damágeto) – trad. Rafael Brunhara.

Poema 8 (Alceu de Messene) – trad. Bruno Palavro.

Poema 52 (Gauradas) – trad. Marcos Müller.

Poema 309 (Leônidas de Tarento) – trad. Leonardo Antunes.

Como citar este texto (ABNT):

ANTUNES, C. L. B.; BARACAT JR., J. C.; BRUNHARA, R. Apresentação. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 5-18, 2019.